

Ficheiros Secretos: histórias verídicas e notas soltas da minha relação com o Japão e os japoneses

Inês Carvalho Matos

Parte I

Comunicação: Surpresas e desafios

Aquilo que me fez pensar em escrever sobre as diversas experiências que tenho tido ao longo destes últimos 5 anos foi uma situação que ocorreu há pouco tempo (1). Não que eu me tivesse lembrado logo, no próprio momento, “isto é óptimo material de escrita” nem que tivesse procurado que assim fosse! Aliás, eu estava tão imersa na situação que só pensava em como navegar naquelas águas sem grandes estragos. Mas com o passar do tempo, e por perceber que existiam muitas coisas destas na minha memória,pareceu-me legítimo começar a escrever sobre isso. Então o que se passou? Fui contactada por email por um senhor japonês que escrevia em língua portuguesa e indicava estar interessado no meu trabalho (nos temas que investigo e sobre os quais publico). Primeira reacção: “Óptimo!”, mas a história ainda mal tinha começado...

Neste caso não era um investigador, era um ex-professor da área das engenharias que tinha feito toda a sua carreira na Alemanha, está agora aposentado, e teria simplesmente um interesse intelectual pelos mesmos temas que eu. Na troca de emails que se seguiu fiquei a perceber que este senhor já tinha visitado diversas vezes Portugal e que tinha feito um curso livre de língua portuguesa no início da sua vida académica. Eu dei-lhe os parabéns porque o português dele estava a um nível bom (algo pouco comum para japoneses que não residem em Portugal ou no Brasil, mesmo depois de estudarem língua portuguesa). Perguntei-lhe se preferia trocar emails em inglês já que eu não poderia responder

aos assuntos que ele me apresentava em japonês, mas ele insistiu em continuar a trocar emails em português. Por fim ele indicou que viria mais uma vez fazer uma semana de férias em Portugal e que iria passar um dia em Coimbra, pelo que gostaria de me conhecer e de conversar sobre esses assuntos. Foi agendado o encontro, até aqui tudo bem.

No dia marcado lá fui eu para a praça onde tínhamos combinado encontrar-nos e foi muito fácil reconhecer o senhor. Mas logo assim que fui ter com ele comecei a perceber que ele não falava uma única palavra de português! As apresentações iniciais foram feitas em japonês, bem como as decisões a tomar sobre se íamos para uma esplanada ou o interior de um café. Ele estava incomodado com o sol forte e o calor excessivo da hora de almoço e eu ainda pensei que fosse por isso que a conversa estava a ser em japonês. Às vezes, em situações de stress e desconforto, as pessoas só conseguem falar na sua língua materna... Lá fomos para um café. Ele ainda não tinha almoçado por isso eu ajudei a escolher o que havia no menu e foram feitos os pedidos. Depois disso ele já se sentia melhor, o café também tinha um ambiente mais fresco, e a conversa voltou a fluir. Mas no interior do café ele continuava a falar apenas japonês!

Apesar de eu ter acompanhado a comunicação até este ponto o meu nível de língua japonesa não é o suficiente para uma conversa que ultrapassa o básico. Já não praticava há meses e antes disso só tinha experimentado interacção 100% japonês nas compras, transportes, em “conversa de café”, etc. A discussão de assuntos mais complexos já inclui vocabulário que não domino! Para além disso a dicção e modo de falar de um japonês de 75 anos que vive fora do Japão há mais de 40 não corresponde exactamente à língua japonesa de hoje em dia, não àquela que eu tinha aprendido e praticado pelo menos.

(1) Este texto, bem como os quatro primeiros capítulos da colectânea “Ficheiros Secretos”, foram redigidos em 2014.

Antes de contar o que se seguiu preciso de esclarecer alguns pontos: a relação com japoneses (nativos e adultos) é uma coisa codificada e há reacções que simplesmente não podemos ter ou que, se as tivermos, são ofensivas e destroem a harmonia entre as pessoas; essas coisas costumam ser consideradas pelos portugueses e estrangeiros em geral como meros detalhes, mas a verdade é que fazem toda a diferença. No entanto, visto que este senhor tinha vivido na Europa tanto tempo e como eu estava no meu próprio país acabei por romper o código de “uma mulher não dirige uma conversa” que é sagrado na cultura nipónica (pelo menos com pessoas desta geração). Então, apesar de todos os meus instintos e instrução me dizerem o contrário, acabei por dizer que não poderia continuar a conversar com ele em japonês. Dei a alternativa do inglês, do espanhol e do francês, todas sendo opções fáceis de acompanhar para mim. Claro que fiz isto com imensas desculpas pelo meio, não um “sumimasen” casual mas sim um “moushiwake arimasen deshita”.

No entanto o senhor em questão, apesar de simpático e afável, não admitia esta opção. Em primeiro lugar ele procurou sorrir, mas o sorriso neste caso era uma mistura de nervosismo com formalidade, e continuar a falar japonês fazendo alguma inflexão na sintaxe (para aproximar o estilo do modo de falar feminino) e pronunciando as palavras mais lentamente. Isto ajudou mas não resolvia o problema, pois ele queria discutir assuntos complexos de investigação académica e eu não poderia dar-lhe resposta ao que não percebia. Além disso crescia um grande ponto de interrogação sobre a minha cabeça: como é que uma pessoa que dizia que tinha feito o curso de língua portuguesa, que visitava Portugal sozinho várias vezes para praticar a língua e que escreveu os emails todos em português agora não quer falar português?

O meu silêncio e a minha expressão distante (por estar absorta nesta pergunta) levaram-no a dar a sugestão de falarmos em alemão. Alemão! Eu desfiz-me em desculpas porque não domino o

alemão. Fiz então referência aos emails trocados em português, mas deixando a frase em aberto (a língua japonesa é boa para estas ambiguidades) e ele respondeu de modo igualmente ambíguo a respeito do uso de dicionários electrónicos e de uma suposta assistente pessoal que teria familiares no Brasil... Como se costuma dizer: “caiu-me tudo ao chão”. De repente já estava a ver: tratava-se de uma daquelas situações onde eu tinha falhado completamente o código social. Uma pessoa às vezes falha naquilo que é suposto ser perita, e este foi um desses casos de pequena catástrofe que eu deveria ter evitado. Já aprendi, pelo menos isso.

Passo a explicar: segundo o código de cortesia deste senhor – por ser japonês e por se encontrar num nível de especialização académica inferior a mim (apesar de ser mais velho do que eu) – ele contactou comigo na minha língua. Usou recursos para esse efeito tais como dicionários electrónicos e uma assistente porque o objectivo final era ser educado para comigo. Até é possível que tenha contratado um tradutor para traduzir os emails dele de japonês para português, pois eu sei de experiência própria que isso se faz no Japão. A regra é sempre “se o primeiro contacto entre A e B é feito por A, a língua que se usa é a da pessoa à qual a mensagem é dirigida, ou seja, a de B”. Por outro lado, aquilo que eu disse nos emails a respeito da qualidade linguística dele foi por ele interpretado como um elogio formal, uma coisa que os japoneses dão e recebem nos primeiros contactos com um estranho e que servem pelo efeito de “olear” as relações sociais e não pelo seu conteúdo propriamente dito. É costumeiro os japoneses sorrirem e elogiarem o estrangeiro que usa bem os pauzinhos, que veste bem a yukata, que sabe comer o sushi, etc. Mas isso é feito sem olhar ao conteúdo em si ou à real pericia da pessoa em questão, é meramente um ritual de aproximação entre as pessoas – ora elogias tu ora elogio eu. Portanto ele não “leu” os meus elogios como uma constatação da minha parte a respeito das suas capacidades reais na língua portuguesa, e consequentemente não pensou que isso fosse uma coisa que eu estava à espera de encontrar de facto. Da minha parte o

que falhou foi não me fazer acompanhar de um intérprete, já que a falha de não ser fluente em língua japonesa é minha. Estando ele de visita no meu país passava para mim a responsabilidade de o ir encontrar com tudo preparado para que a nossa conversa fosse fluída e aprazível. O código de receber e ser recebido é muito claro quanto a isso: quem recebe é que tem de antecipar as necessidades de quem é recebido. No Japão toda a indústria da hospitalidade se baseia nisso!

Os meus olhos devem-se ter esbugalhado quando todas estas coisas apareceram claras na minha mente, ele reparou e ficou em silêncio a olhar para o lado, algo que eu percebi ser um sinal de cortesia para não enfatizar a minha humilhação. Então curvei-me (apesar de estar sentada na mesa do café) e disse apenas “Suman!”. A partir daí fiz o meu melhor para conversar em japonês e ele também tentou “repescar” algum do português que não praticava há dezenas de anos. Não foi propriamente uma conversa academicamente muito produtiva mas acabámos por passar um bom almoço.

Observações: Este texto e os que se seguem expressam as minhas opiniões e experiências, e devem portanto ser considerados na sua subjectividade.

Não é meu objectivo nestes textos apresentar resultados objectivos ou teorias consolidadas, e portanto alguns pormenores podem divergir da perspectiva de alguns leitores. Todos os comentários são bem-vindos, especialmente a partilha de experiências e estórias pessoais.

O contacto da autora é umlongoveraonojapao@gmail.com

O Japão é fascinante, ter amigos japoneses é uma sorte, e espero que esta colectânea de “Ficheiros Secretos” abra a porta a mais portugueses com coisas para contar sobre o Japão e os japoneses.

A autora não prescinde de todos os direitos de propriedade intelectual deste texto e dos outros textos da colectânea “Ficheiros Secretos”, pelo que estes não podem ser publicados ou reproduzidos no todo ou em partes sem a sua autorização expressa e por escrito.